

Vidas secas: as percepções de Fabiano e o estado ausente

Rayssa Mykelly de Medeiros Oliveira ^[1], Luiz Antônio Mousinho ^[2]

[1] rayssademedeiros@gmail.com. [2] luizantoniomousinho@bmail.com. Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Muito já se pesquisou sobre a obra de Graciliano Ramos. *Vidas secas* teve inúmeros estudos dedicados a sua análise. A posição da crítica sobre as personagens embrutecidas pelo meio se deslocou, indo das primeiras críticas – que tratavam da animalização de Fabiano e sua família –, vendo-os, psicologicamente, como pouco complexos; até uma outra vertente que propôs uma reinterpretação dos recursos estilísticos de Graciliano, por meio dos quais se pode compreender as personagens de uma outra maneira. Com este artigo, procuramos propor um segundo olhar a dois momentos distintos do romance nos quais Fabiano tem contato com o Estado por intermédio de seu confronto com o soldado amarelo, nos capítulos “Cadeia” e “O soldado amarelo”. As indagações e percepções de Fabiano, trazidas à tona pelo discurso indireto livre de Ramos, são matéria que nos permitem refletir a respeito da sua complexidade psicológica negada pelas primeiras críticas. Neste artigo, investigamos como o momento histórico interpela a narrativa, servindo como matéria prima para a constituição da personagem.

Palavras-chave: Vidas secas. Crítica literária. História.

ABSTRACT

Much has been researched about Graciliano Ramos' work. Vidas secas had numerous studies devoted to its analysis. The position of the criticism about the brutalized characters has changed. The first reviews dealt with the animalization of Fabiano and his family, seeing them as non psychologically complex. After this first interpretation, criticism proposed a reinterpretation of Graciliano's stylistic resources, through which is possible to comprehend the characters in a different way. This study proposes a second look at two distinct moments of the novel in which Fabiano has contact with the State: through his confrontation with the yellow soldier in chapters Cadeia and O soldado amarelo. The questions and perceptions of Fabiano, brought to light by Ramos' free indirect discourse help us to reflect on his psychological complexity denied by early reviews. In this paper, we investigate how the historical moment passes through the narrative, which is used as raw material for the character's constitution.

Keywords: *Vidas Secas. Literary criticism. History.*

1 Fabiano bicho e a primeira crítica

O personagem Fabiano, do romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, em sua introspecção, enrolado nas palavras que lhe faltam, parece preso à brutalidade que ele mesmo pensa possuir. Por muito tempo, a crítica concordou com essa rusticidade das personagens da obra. Para essa crítica, não eram apenas as palavras que pareciam faltar à família de Fabiano, sua capacidade reflexiva também foi posta em dúvida. Segundo Duda Machado (2003, p.184), Adriano da Gama Kury é o primeiro a questionar o que ele chama de uma confusão advinda do uso do discurso indireto livre de Graciliano Ramos. Para Kury (1995), a crítica perdia-se entre a simples observação e o domínio onisciente do narrador, que assume os pensamentos das personagens. Em *Valores e misérias das Vidas secas*, Álvaro Lins chega a falar da introspecção das personagens como inverossímil. O discurso indireto livre do narrador, que traz a reflexividade de Fabiano e sua família à tona, é visto como um problema.

O outro defeito é o excesso de introspecção em personagens tão primários e rústicos, estando constituída, quase toda a novela, de monólogos interiores. A inverossimilhança neste caso não provém da substância da novela, mas da técnica. (LINS, 1982, p.152)

Lins percebe os personagens como incapazes de profundas reflexões e aponta a presença dos monólogos interiores como um problema em sua construção. Essa opinião, de que as personagens de *Vidas secas* eram pouco complexas foi corrente por muito tempo. A maneira como Fabiano e sua família eram subjugados ao clima, à natureza hostil, a todos os tipos de exploração esteve colocada como um fator de redução de sua capacidade intelectual. O recurso do discurso indireto livre que Graciliano usa, para Antonio Candido (1992), é uma forma de dar voz e resgatar a humanidade daqueles personagens empurrados às fronteiras da animalidade pela sociedade que os põe à margem, ou seja, o narrador se encarrega de organizar os pensamentos que se passam na cabeça dos personagens com as palavras que lhes faltam. Ele se apodera de seus sentimentos e os traduz. Ao contrário do que diz Lins, não há nada de inverossímil ou incoerente nisto. A focalização é feita a partir da perspectiva de Fabiano, embora não seja ele o narrador. Fabiano pode não ter vocabulário para expressar com exatidão seus pensamentos e

inquietações, mas o narrador possui recursos para tanto. Na interpretação do crítico, há um equívoco quanto a essa questão. Poderíamos evocar aqui a distinção entre narrador e focalizador, proposta por Gérard Genette numa formulação teórica capaz de ajudar a desfazer tal equívoco crítico:

uma incomodatória confusão entre aquilo que chamo aqui modo e voz, ou seja, entre a pergunta qual é a personagem cujo ponto de vista orienta a perspectiva narrativa?, e esta bem distinta pergunta: quem é o narrador? - ou, para adiantarmos a questão, entre a pergunta quem vê? e a pergunta quem fala? (1995, p. 184).

Para as primeiras críticas que, equivocadamente, tratavam com despeito da profundidade psicológica dos personagens e encaravam sua animalização – proferida pelo próprio Fabiano – como algo inerente a sua condição, faltou observar um dado importante. O vaqueiro é atormentado por sua condição de homem-bicho, porque reflete acerca do que seria um ser humano e sabe que a vida que leva não é nada perto do que ele considera a vida de um homem. Fabiano se vê como um bicho, e esse reconhecimento já é um dado importante de sua capacidade de introspecção, da humanidade que ele possui. O dilema, o tormento de não ser o que ele acha que deveria mostra como ele articula seus pensamentos, como reflete sobre quem é e quem gostaria de ser. E isso não leva em conta a expansão dos horizontes de Fabiano. Não interessa se ele não almeja grandes coisas, se deseja pouco, ou sonha pequeno, se sonha com o possível, como diz Alfredo Bosi:

“E a caatinga ficaria toda verde.” Esse, o imaginário, que se enraiza lenta e pesadamente no solo do sertão. Seus limites são o esperado e o possível. Sonhar com mais é doideira, como “doideira”, literalmente, parece a Fabiano a cama que Sinhá Vitória sonha ter no lugar de seu velho jirau; e mais doideira ainda trazer na boca palavras difíceis, luxo estranho que em horas de confessada maluquice Fabiano se permite a si mesmo sozinho (1987, p.386).

O simples fato de Fabiano hesitar em empregar essas palavras “difíceis”, por achá-las inadequadas para ele, ou de sonhar com o possível para evitar frustrações, apesar de endossar sua postura auto-depreciativa, reafirma seu lugar de ser que reflete.

Fica clara a capacidade posta em dúvida por alguns críticos como Lins.

Sobre essa hesitação, Alfredo Bosi(1987) também ressalta a cumplicidade entre personagem e narrador onisciente, que compartilham esse saber, demonstrada por Graciliano em momentos sutis, mas que podem explicitar a condição de ser reflexivo de Fabiano. Sobre o trecho “Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis, e talvez perigosas” (RAMOS, 1982, p.19-20), Bosi (1987, p.388) diz:

Penso na força deste, mas sabia para onde convergem as razões da personagem e a crítica histórica do narrador. É uma certeza compartilhada e uma verdade política que ambos conquistaram. O vaqueiro Fabiano sabia, como eu, o escritor inconformado também sei.

O narrador escolhe o verbo “saber”, o que confirma a verdade de Fabiano. O narrador endossa essa verdade. Se, em vez de saber, ele tivesse usado, por exemplo, “acreditar”, (mas acreditava que elas eram inúteis e perigosas) ele nos daria margem para deliberar se Fabiano estava ou não com a razão, mas, ao invés disso, ele se coloca ao lado da personagem, dividindo com ele aquele conhecimento e confirmando o pensamento acertado de Fabiano.

No capítulo “Fabiano”, o personagem caminha entre a caatinga, feliz com o inverno, procura de uma novilha desgarrada. Enquanto faz seu trabalho acompanhado pelos dois meninos e por Baleia, o vaqueiro reflete sobre sua condição no mundo. Ele se envaidece com sua força, ele se reconhece como bicho resistente e se orgulha de sobreviver e estar ali, estabelecido com a família. Mas, logo em seguida, ele se entristece porque sabe que a miséria está à espreita, Fabiano sabe que os tempos de inverno não tardam a passar e todas as dificuldades de antes logo estarão de volta. Em uma passagem de três curtos parágrafos vemos essa mudança acontecer.

Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado. Olhou as quipás, os mandacarus e os xique-xiques. Era mais forte que tudo isso, era como as catingueiras e as baraúnas. Ele, Sinhá Vitória e os dois meninos estavam agarrados à

terra./ Chape-chape. As alpercatas batiam no chão rachado. O corpo do vaqueiro derreava-se, as pernas faziam dois arcos, os braços moviam-se desengonçados. Parecia um macaco./ Entristeceu, considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede. Sim senhor, hóspede que se demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite. (RAMOS, 1982, p.19).

No primeiro parágrafo, ele se orgulha do feito da sua sobrevivência, crê que está agarrado à terra com a família. O segundo parágrafo, que traz uma descrição da figura desajeitada do vaqueiro, marca o breve tempo que o vaqueiro leva para concluir que na verdade não está agarrado à terra, que não tem raízes e logo estará jogado à própria sorte no meio do mundo com a família.

Enquanto oscila entre contentamento e tristeza, Fabiano vai se dando a ver. Ele permanece nesse embate entre se sentir satisfeito com o presente e temer o futuro certo; entre sentir-se bem com o que é e desejar ser mais. Diante da curiosidade dos filhos que estavam ficando “metidos e perguntadeiros”, Fabiano recorda de seu Tomás da Bolandeira, a quem admirava, e que, em certos momentos de “maluquice”, ele tentava imitar, cujo destino não foi bom. Tanta leitura não havia servido de nada quando chegou o verão. Mesmo que seu Tomás fosse, nas palavras de Fabiano, remediado. O que haveria de ser então com os meninos?

Diante da curiosidade dos filhos que lhe faziam perguntas, Fabiano não tinha o que fazer senão reprecendê-los. Na vida que tinham, eles deveriam aprender o que lhes era necessário para viver,

saberem cortar mandacaru para o gado, consertar cercas, amansar brabos. Precisavam ser duros, virar tatu. Se não calejassem, teriam o fim de seu Tomás da bolandeira (RAMOS, 1982, p.24).

Apesar do conformismo e da autodepreciação de Fabiano, estratégias que o haviam ajudado a sobreviver até ali, ele, em momentos sutis, dá sinais de que tem esperanças, sonhos, desejos, embora pro-

cure reprimi-los. Agora os meninos não deveriam se ocupar com tantas perguntas, mas talvez pudessem aprender, quando um dia as secas “desaparecessem e tudo andasse direito” (RAMOS, 1982, p.24).

No mesmo capítulo, o vaqueiro, em disputa consigo mesmo, enquanto evita a curiosidade dos filhos e trepa a ladeira, vai vendo o sol poente avermelhar a caatinga e teme pela seca que deve chegar, como sempre chegara. Fabiano sente a morte à espreita e se arrepia, pensa que nem valia a pena trabalhar. Mas repele o pensamento. Como ser humano que é, Fabiano rejeita a possibilidade da própria morte, ele se enche de expectativas, de desejos a serem realizados antes disso.

Virou o rosto para fugir à curiosidade dos filhos, benzeu-se.

Não queria morrer. Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem (RAMOS, 1982, p.23-24).

Fabiano possui em si essa inquietação, a consciência do que ele é e de como gostaria de ser; de como as coisas são e de como deveriam ser.

2 Governo é governo: o que Fabiano é capaz de conceber

Se há algo que Fabiano considera bom, perfeito, é o governo. Fabiano se cala, se sujeita, aguenta porque era assim desde sempre, era assim que tinha de ser. Mas na calamidade em que ele e todos os outros retirantes se veem mergulhados – calamidade que ele aceita como seu destino irremediável, do qual não há como fugir – não há nem sombra de um governo, não no sentido que conhecemos, com as obrigações de gerir e manter políticas que estejam presentes no dia a dia do cidadão. Fabiano não é cidadão, mas nem ao menos sabe o que isso significa. Nos dois momentos em que se refere ao governo, nos capítulos “Cadeia” e “O Soldado Amarelo”, ele o faz com reverência ao que considera perfeito e com inconformidade diante do que acredita ser uma incoerência. Como poderia um soldado amarelo ser governo?

No capítulo “Cadeia”, após ser preso e agredido injustamente, Fabiano lembra que a situação era comum e até por estar ele mesmo naquela situação não era motivo para revolta.

Até a violência empreendida pelo “governo” era aceita por Fabiano. Submetido às hierarquias, ordeiro e conformado, ele só questiona a prática violenta quando se torna vítima dela, mas seu questionamento não se dirige ao governo, e sim ao soldado. Para Fabiano, aquela figura, que destoa da organização que representa, é que é o problema.

Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças. E aos conhecidos que dormiam no tronco e aguentavam cipó de boi oferecia consolações: - “Tenha paciência. Apanhar do governo não é desfeita. Mas agora rangia os dentes, soprava. Merecia castigo?” (RAMOS, p. 33).

O inconformismo que Fabiano demonstra diante da figura do soldado amarelo, embora acabe por obedecer-lhe e respeitá-lo, estabelece a contradição que ele observa entre aquela figura – “mofina, covarde e ruim” – e o governo que ele representa. Fabiano reconhece e legitima as hierarquias. Ele mostra uma idealização do governo que se choca com a figura do soldado. O governo com certeza não seria nada daquilo. “E por mais que forcejasse, não se convencia que o soldado amarelo fosse governo. Governo, uma coisa distante e perfeita não podia errar.” (RAMOS, 1982, p.33-34).

A primeira intervenção do Estado no sertão nordestino só se deu no fim do século XIX (ALBUQUERQUE JR., 2011, p.50), quase 400 anos depois da chegada dos portugueses no país. Até então, o sertão nordestino permanecia desconhecido, isolado – mesmo depois de habitado. Um lugar considerado ermo, ignorado pelo poder público. Em *Os Sertões*, Euclides da Cunha vai fazer um tratado histórico, geográfico, literário, antropológico que descreve todo o seu espanto e total desconhecimento anterior daquele lugar, onde o Estado não estava até se sentir ameaçado. Embora não se tenha nenhuma marca temporal que nos permita definir *Vidas secas* historicamente, baseando-se, entre outras coisas, na descrição do espaço, Fabiano vive não muito tempo depois daquele em que Euclides da Cunha “revelou aquele lugar longínquo e curioso ao restante do país”.

O sertão de Fabiano ainda era um lugar do qual o Estado não dava conta.

Fabiano não sabe de nada, não conhece nada além daquele destino cíclico ao qual ele parece estar preso, desde seu pai e seu avô, já que ele não tinha notícias de família antes disso. Porém, ele sabe de algo. Sabe que existe governo. Em seu entender, um governo perfeito, distante, que não erra, mas que não está ali, onde tudo é seco, tudo é pobre, tudo é sofrido. O soldado amarelo é governo? Mas com certeza não honra a instituição que representa.

O desconhecimento de Fabiano do que há além do sertão aparece ao final de “Fuga”, quando ele se sente acalentado pelos planos de Sinhá Vitória. Seu estado de espírito se deve, além de sua confiança e admiração por ela, ao fato de que ele não sabe nada sobre essa terra desconhecida onde “ficariam presos”.

As palavras de Sinhá Vitória encantavam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra porque não sabia como ela era nem onde era. (RAMOS, 1982, p.126).

Seu total desconhecimento do que havia fora de sua realidade pode nos explicar o porquê de sua idealização do governo, a despeito de sua realidade. A vida era difícil, a seca castigava e eles eram obrigados a viver fugindo entre um inverno e outro, assentando em um lugar apenas na época das águas. A exploração pela qual passavam estava errada? Sim, muitas vezes Fabiano se indignara, afinal não fazia mal a ninguém. Mas ele não reagia, ele não podia reagir. E por que não podia? Ele chega ao que acredita ser a resposta para essa pergunta no capítulo “Cadeia”. Fabiano conjectura que só não pode se vingar, que se conforma aos maus tratos e humilhações, por causa da família.

Agora Fabiano conseguia arranjar as ideias, o que o segurava era a família. Vivia preso como um novilho amarrado ao mourão, suportando ferro quente. Se não fosse isso um soldado amarelo não lhe pisava o pé não. O que lhe amolecia o corpo era a lembrança da mulher e dos filhos. Sem aqueles cambões pesados, não envergaria o espinhaço não, sairia dali como onça e faria uma asneira. (RAMOS, 1982, p.37)

Vemos mais à frente, em “O soldado amarelo”, que esta conclusão não é verdadeira. Fabiano tem a chance de se vingar, de fazer o soldado pagar as humilhações pelas quais o fez passar, de matá-lo e deixá-lo entregue aos urubus, no meio da caatinga, onde ninguém poderia achá-lo. Porém, ele não o faz. E o que o segura? Fabiano não é homem de acabar com “a vida de um cristão”. Ele se submete às leis, à hierarquia e o soldado, por isso, sai ileso.

Vendo-o acanalhado e ordeiro o soldado ganhou coragem, avançou, pisou firme, perguntou o caminho. E Fabiano tirou o chapéu de couro. – Governo é governo. Tirou o chapéu de couro, curvou-se e ensinou o caminho ao soldado. (RAMOS, 1982, p.107).

Fabiano é uma personagem singular entre as personagens de Graciliano Ramos, já que, como aponta Helmut Feldman (1987), é através do crime e da vingança que boa parte das personagens de Graciliano alcançam redenção, ou vitória. É o caso de Jaqueira, Paulo Honório, Maria do Ô e Lampião, personagens que transformam suas trajetórias, entendendo uma inversão de papéis, aniquilando os adversários. A interpretação do crime na obra de Graciliano, para Feldman (1987, p.276),

é de natureza psicológica: inicialmente sentem-se todos os heróis apertados bloqueados oprimidos e humilhados, seja em consequência de sua posição social (Fabiano, Paulo Honório) ou de uma inaptidão para a vida, condicionada por fatores psicofísicos (Luís da Silva, Graciliano). Libertar-se da humilhação e da fraqueza torna-se para todas essas personagens a questão fundamental de sua vida. De ordinário o problema culmina no conflito de vida e morte entre dois adversários como Luís da Silva e Julião Tavares, Fabiano e o soldado amarelo. Orientados nesse desejo vital desfazem-se todos os escrúpulos morais e até a eliminação do opositor é encarada como meio de salvação.

Fabiano flerta com o crime, com essa possibilidade de redenção, mas ele nunca conclui seu intento, dessa maneira também nunca alcança sua redenção. Se, em vários momentos, ele pondera que seria bom se rebelar, apenas em um momento ele burla a lei e como resultado, em vez de lograr sucesso, é punido.

No capítulo “Contas”, ele recorda um episódio de quando o fiscal da prefeitura veio cobrar impostos sobre um porco que ele havia levado para vender na cidade. Fabiano argumenta com o fiscal; como não consegue fugir da cobrança, diz que levará o porco para comer com a família. Indo vender o porco em outro local, ele é apanhado e tem que pagar não apenas os impostos mas também uma multa.

Deus o livrasse de história com o governo. Julgava que podia dispor dos seus troços. Não entendia de imposto. – Um bruto, está percebendo? Supunha que o cevado era dele. Agora se a prefeitura tinha uma parte, estava acabado. Pois ia voltar para casa e comer a carne. Podia comer a carne? Podia ou não podia? [...] Despedira-se metera a carne no saco e fora vendê-la noutra rua, escondido. Mas, atracado pelo cobrador, gemera no imposto e na multa. Daquele dia em diante não criara mais porcos. Era perigoso criá-los (RAMOS, 1982, p.95).

Fabiano não realiza sua vingança, nem mesmo quando tudo está a seu favor. Quando tem o soldado diante de si, acuado amedrontado, Fabiano tem o impulso de matá-lo, de vingar a violência sofrida, mas se detém. O vaqueiro vê o inimigo franzino e acovardado e o acha patético. Ele novamente direciona seus questionamentos a respeito do que havia lhe acontecido para o soldado.

Aquela coisa arriada e achacada metia as pessoas na cadeia, dava-lhes surra. Não entendia. Se fosse uma criatura de saúde e muque, estava certo. Enfim apanhar do governo não é desfeita, e Fabiano até sentiria orgulho ao recordar-se da aventura. Mas aquilo... Soltou uns grunhidos. Por que motivo o governo aproveitava gente assim? (RAMOS, 1982, p.105).

O curioso é que Fabiano admite que o governo é algo distante e essa ausência do Estado não é matéria de suas indagações. Ele não estranha, nem acha errado que esse governo não esteja por perto.

Francisco de Oliveira (2008, p.175) fala da ineficiência das primeiras incursões do Estado no sertão nordestino, com a criação e atuação do IFOCS (Instituto Federal de Obras Contra a Seca), posteriormente convertido no DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra a Seca), que acabou nada resolvendo e ainda legando aos coronéis da oligarquia pecuária-

-algodoeira o status de autoridade e o domínio sobre as classes espoliadas. Esse papel distante, imobilista, é mantido em seu grau mais agudo até meados dos anos cinquenta, quando se cria o Banco do Nordeste. Em nome de interesses econômicos, o Estado se mantém longe, sem nenhuma interferência. Esse Estado ausente é o que Fabiano julga perfeito.

O Estado que fica no Nordeste é um Estado imobilista, do ponto de vista das relações entre as classes “regionais”, ainda que, do ponto de vista da acumulação em escala nacional, operasse francamente, reiterando os termos de reprodução da economia industrial. (OLIVEIRA, 2008, p.222).

O que o Estado faz é garantir as condições de reprodução do capital, que concentravam a industrialização no Centro-Sul, e eximir-se de responsabilidade junto à dinâmica social do Nordeste, à exceção de raras investidas. Toda a tensão entre classes regionais todas as condições de miserabilidade do povo eram vividas à parte naquela região, sem a interferência do governo.

O Estado ausente do sertão nordestino, que legou todo o poder nas mãos de coronéis, é de conhecimento de Graciliano Ramos. Esperando não correr o risco de incorrer em paralelismos históricos ou relações causais simplistas, das quais Antônio Candido (2006) fala, há um dado que pode ser interessante a título de curiosidade e mesmo para explicar a maneira como o assunto é abordado pelo autor, mesmo que tal tema esteja diretamente exposto no livro em apenas dois capítulos.

Enquanto prefeito de Palmeira dos Índios, em Alagoas, Graciliano Ramos enfrentou o descaso do Estado para com as menores esferas da administração pública. Ele conheceu de perto a política dos favores e a exploração dos pobres sertanejos pelos ricos. Em um de seus relatórios, datado de 1930, é possível observar como ele tratava do assunto.

E não empreguei rigores excessivos, fiz apenas isto: extingui favores largamente concedidos a pessoas que não precisavam deles e pus termo às extorsões que afligiam os matutos de pequeno valor, ordinariamente escorchados, raspados, esbrugados pelos exatores.¹

1 Relatório enviado ao governador de Alagoas em 1930, referente ao ano de 1929.

O que interessa na observação desse trecho retirado do relatório de Graciliano são suas observações sobre as estruturas de poder que ele encontrou ao chegar à prefeitura e a sua postura diante delas. Esse governo ausente, que favorece quem é rico e não necessita de sua ajuda, é conhecido de Graciliano. Ele conhece de perto a miséria e a exploração da qual fala em *Vidas secas*. Essa falta de um Estado atuante – que abusa do seu poder sobre o pobre e favorece o rico – constitui a obra e está presente nas relações de Fabiano com o mundo.

3 Considerações finais

A história da família de retirantes e sua opressão é tecida por meio de sua relação com o ambiente de hostilidade em que vive. As palavras que lhes faltam nas emoções sufocadas

– traduzidas pelo narrador em seu discurso indireto livre – são tiradas por tudo o que lhes é negado, por tudo o que lhes é imposto. Fabiano é capaz, sim, da profundidade psicológica que as primeiras críticas quiseram negar. Acreditar em um governo bom é uma prova de sua capacidade de idealizar algo que ele não pode ver. Onde tudo é ruim, algo que está longe, do qual só se ouviu falar, e bem, há de ser bom. Fabiano não crê que o que está ali perto represente o governo. Ele não entende como governo o soldado e nem os que mandam no soldado – a quem pensa que seria melhor matar, embora no fim de “O soldado amarelo” ele acabe desistindo de seu intento de acabar com o soldado e reconhecendo que “governo é governo”, como já expusemos antes.

O soldado Amarelo era um infeliz que nem merecia um tabefe com as costas da mão. Mataria os donos dele. Entraria num bando de cangaçeiros e faria estrago nos homens que dirigiam o soldado amarelo. (RAMOS, 1982, p.38).

A complexidade psicológica de Fabiano segue uma lógica humana. Ele acredita em algo superior – no caso, no governo –, que está longe de seu alcance e que é bom. Sua opinião vem dessa condição humana de idealizar o que não vê, o que lhe é distante, de ter fé.

“– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.” (RAMOS, 1982, p.18)

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5ª edição. São Paulo, Cortez Editora, 2011.
- BOSI, A. **Céu, inferno in Coleção escritores brasileiros – Antologia e Estudos – Graciliano Ramos. Ensaio da crítica literária e ideológica**. São Paulo, Editora Ática, 1987.
- CANDIDO, A. Crítica e Sociologia. In: **Literatura e sociedade**. 9ª edição. Rio de Janeiro, Editora Ouro sobre Azul, 2006.
- CUNHA, E. *Os Sertões*. São Paulo: Três, 1984. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000153.pdf>> Acesso em: 2 ago. 2015.
- FELDMAN, H. Graciliano Ramos: reflexos de sua personalidade na obra. In: **Coleção escritores brasileiros – Antologia e Estudos – Graciliano Ramos**. Ensaio da crítica literária e ideológica. São Paulo, Editora Ática, 1987.
- GENETTE, G. **Discurso da narrativa**. 3. d. Lisboa: Vega, 1995.
- LINS, Á. **Valores e misérias das vidas Secas in Vidas secas**. 48ª edição. Rio de Janeiro, Record, 1982. p.127-155.
- MACHADO, D. De Volta a Vidas Secas (Ao Encontro de Fabiano). Seção Textos. **Revista USP**, n. 58, p. 182-199, jun./ago.2003.
- OLIVEIRA, F. **Noiva da revolução; Elegia para uma re(li)gião**: Sudene, Nordeste planejamento e conflitos de classes. São Paulo, Boi Tempo, 2008.
- RAMOS, G. **Relatório da Prefeitura Municipal de Palmeira dos Índios ao Governador de Alagoas referente ao ano de 1929**. Disponível em: <http://www.cra-rj.org.br/site/leitura/textos_class/gracialiano> Acesso em 4 ago. 2015.>.
- RAMOS, G. **Vidas secas**. 48ª edição. Rio de Janeiro, Record, 1982.